

REFERENCIAIS GRECO-ROMANOS EMPREGADOS NAS TRADIÇÕES MANUSCRITA E IMPRESSA ENTRE O QUINHENTISMO E O SETECENTISMO NO BRASIL

Carlos Eduardo Mendes de MORAES*

Resumo: Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, a prática de imitação/emulação/referência em relação aos clássicos da Antiguidade Greco-Romana vigorou como regra na escrita letrada e intelectualizada em Portugal e em suas províncias. Tinha por função a comunicação escrita oficial entre as localidades e sua configuração se baseava nas retóricas e poéticas antigas, explorando delas principalmente o ornato, a comparação, o argumento de autoridade, entre diversas outras possibilidades. Está documentada tanto na tradição impressa quanto na tradição manuscrita da escrita portuguesa formal, e, de forma especial, nos escritos de intenção literária, as *belas letras*. Pode ser comprovada pela profusão de referências, imitações, citações e reconstruções de episódios e personagens, como também pelas citações ou comparações entre a literatura antiga e pessoas da corte ou mecenas, referidas em paratextos convencionalmente produzidos pelos escritores, editores, avaliadas pelos censores e reconhecidas pelos leitores nos encaminhamentos, deferências, dedicatórias e advertências na submissão desses escritos para instituições censórias.

Palavras-Chave: Estudos Clássicos; Fontes, Impressos; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Manuscritos.

Abstract: During the 16th, 17th and 18th centuries, the practice of imitation/emulation/reference in relation to the classic authors from Greco-Roman Antiquity prevailed as a rule in literate and scientific writing in Portugal and in its provinces. This practice worked as the official written communication among those locations, and its configuration was based on ancient rhetoric and poetry, exploring from them mainly the ornament, comparison, argument of authority, besides of several other possibilities. This practice is recorded both in the printed tradition and in the manuscript tradition of formal Portuguese writing, and, especially, in writings with literary intention. It can be evidenced not just by the profusion of references, imitations, quotations and reconstructions of episodes and characters, but also by the quotations or comparisons between ancient literature and people from the court or patrons—which were referred in paratexts traditionally produced by writers, editors, evaluated by censors, and recognized by readers in requests, deferences, dedications and warnings during submissions of these writing pieces to censorship institutions.

Keywords: Brazilian Literature; Classical Studies; Manuscripts; Portuguese Literature; Printed Tradition; Source.

* Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e de Educação da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP — Câmpus de Assis. E-mail: mendes.moraes@unesp.br.

Introduzindo: atuação com fontes manuscritas e impressas

Este trabalho pretende tratar de práticas letradas circunscritas ao recorte compreendido entre os anos 1500-1800 no espaço luso-americano. Essas fontes se limitam à circulação de documentos que registraram atividades nos campos da administração, justiça, religião, todas lidas à época como belas letras. Nessas práticas, os modelos empregados são tirados de um repertório que reúne em torno dos seus executores a necessidade de domínio dos traços pessoais de discrição, agudeza e erudição.

Acerca desses traços pessoais, podemos dizer que o “erudito”, nesse ambiente, é aquele que demonstra conhecimento enciclopédico, capaz de reunir dados resultantes de leitura e conhecimento nas mais variadas atividades humanas, desde os fundamentos das ciências naturais, exatas e humanas, com vasto domínio e repertório adquirido em contato com culturas antigas, notadamente a greco-romana, além de ser versado nas questões das escrituras sagradas e aderente a elas.

O “discreto”, por seu turno, é aquele que consegue atender aos traços acima, mantendo-se prudentemente infenso aos movimentos que uma sociedade de classes pode impor aos seus integrantes. Como diz o próprio nome, passa despercebido, não cometendo excessos ou faltas que façam as atenções se voltarem demasiadamente para a sua pessoa em situações inoportunas; tira proveito dessa invisibilidade para parecer confiável ascender na escala de confiança dentro da hierarquia profissional e social às quais está submetido.

O “arguto”, por fim, é quase um contorcionista, que traz além dos requisitos anteriores a percepção, que lhe permite demonstrar uma capacidade ímpar de produzir ditos e escritos de efeito que o mostrem perspicaz. Este teatro é, portanto, a vestimenta do letrado.

O objeto de nossa pesquisa, aprofundar-se no universo dos textos luso-americanos produzidos por esses letrados entre o quinhentismo e o setecentismo, quando observado a partir do ponto de vista dos seus praticantes, encontra via de mão dupla, na qual a busca das referências aos conhecimentos sobre a cultura clássica é uma constante, porque é condição *sine qua non* para o letrado ser visto e atuar como tal.

a. Na primeira dessas vias, essa presença aparece nas referências que faz como exemplo da fama transmitida pelas ações passadas, ou consagradas (portanto, um referencial mítico);

b. Na segunda via, essa presença atua como fonte contínua de autores e textos modelares, nos quais esses letrados beberam e aprenderam a exercitar a “emulação” como atividade de atualização deste universo para a sua contemporaneidade.

A presença da cultura greco-romana, portanto, é ampla, atingindo quase todas as atividades intelectualizadas executadas pelos letrados entre os séculos XVI e XVIII. Coloca os escritos de natureza vária em uma caixa comum. Esses escritos, considerando-se tratar, *grosso modo*, das belas letras, podemos tratá-los como “documentos”, não fazendo distinção entre serem literários ou não-literários, pois são produzidos segundo uma tipologia bem demarcada pelo repertório amplo acima mencionado. Essas marcas, portanto, aparecem indistintamente nos corpos dos textos ou nas suas partes preambulares, o que confirma a existência desta convenção estabelecida entre editores, críticos, censores, autores e leitores. Nossa

discussão aqui dá preferência para a segunda possibilidade, menos abordada nos estudos sobre influências dos estudos clássicos na literatura luso-americana.

Escrever “na” ou “sobre a” América Portuguesa

A configuração acima auxilia na leitura das belas letras na América Portuguesa. Em primeiro lugar o letrado, produtor dos textos que aqui começa a ser postos nas nossas reflexões, é resultado de uma formação que exige dos seus conhecimentos um contato com uma instrução quase enciclopédica, como já afirmamos acima, da qual as artes retórica e poética fundamentadas na Antiguidade Greco-Romana são seus pilares. Seus modelos de escrita são exercitados pela prática adquirida segundo o exercício da imitação e, porque não dizer emulação dos modelos acima, seja na formação em escola superior, dentre as quais Coimbra dita as regras, seja nas escolas menores, que espelhavam em grande parte as normas ditadas por Coimbra. Nesse repertório, os filósofos Aristóteles, Platão e menores se destacam nos fundamentos da retórica; Cícero, Ausônio, Herênio e outros prosadores-oradores nas questões ligadas à oratória; Quintiliano no ensino das duas artes; Homero, Horácio, Virgílio, Ovídio e outros menos citados são presenças reiteradas na poética.

Pensamos, de início, em alguns tipos que ganharam destaque pela notoriedade de seus assuntos.

As correspondências, em geral de caráter misto entre uma linguagem afetiva e formal ganharam, muitas delas, destaque pelo teor e adesão a um modelo exemplar. Exemplo loquaz da adesão dos letrados luso-brasileiros a este gênero de escrita pode se encontrar com fartura entre os árcades, cujos escritos referem trocas e comentários entre os participantes do movimento, de forma a produzir, a um tempo, as obras e a própria crítica acerca delas, registradas nas opiniões, sugestões por intermédio da troca de poemas epidícticos ou de farpas, mesmo, composições de fôlego, que alimentaram com combustível inflamável o debate entre tomadas de posição. Veja-se, por exemplo, o embate *Uraguai x Caramuru*, o “Soneto da Imbecilidade”, *O desertor* e tantos outros escritos literários que polemizaram questões contemporâneas se utilizando das regras de composição extraídas dos modelos greco-romanos.

Os relatos, por seu turno, tiveram dupla função de documentar e elogiar, ganhando, muitos deles, o prêmio da impressão tipográfica; ampliando a abrangência deste gênero, pode se pensar nos registros de viagem. Textos como os louvores compostos em homenagem aos aniversários, nascimentos, bodas e lutos, assim como também aqueles que registraram visitas, ações louváveis (e mesmo algumas não tão louváveis) se fizeram segundo o modelo dos discursos do gênero epidíctico e em menor grau de adesão à estrutura do discurso, embora não disfarçando a tentativa de ornato pela imitação, os relatos de viagem foram igualmente contaminados pelas mesmas fontes, haja vista, por exemplo, a fama que João de Bolés, Hans Staden e mesmo o anônimo *Diário do Embaixador Diogo Baduem da Serra* demonstraram em suas páginas.

Vasta foi também a produção em versos, chegando algumas delas à condição de obras exemplares, enquanto outras se limitaram à condição de

exercícios de versificação. Assim ocorreu com a documentação que adormeceu nas bibliotecas e arquivos e que por suas características permitiriam retomar um debate sobre “O que se fala, o que se lê” na América portuguesa, como já se fez segundo o título sugestivo desenvolvido por Villalta no primeiro volume da *História da vida privada no Brasil* (SOUZA, 1998). Como mencionamos acima, *o Uruguai, O Caramuru, Vila Rica* nasceram dessas práticas e ganharam notoriedade no cânone da literatura do Brasil até os dias atuais, sem falarmos de composições de menor fôlego, mas de iguais fontes e boa manufatura.

À guisa de esclarecimentos, não é possível pensar em discutir a presença dos clássicos no espaço “Brasil” sem levarmos em consideração alguns requisitos básicos. Primeiro deles: o “Brasil”, entre os anos mil e quinhentos e mil e oitocentos é *América Portuguesa*. Por este espaço circulavam ideias europeias impostas, ajustáveis como possíveis práticas aos problemas locais. Esses ajustes variavam desde a aclimação até as diferenças de tratamento que existiam quando os locais ou peregrinos falavam do espaço América. Isso ocorria porque estar na América representava, por si só, estar física e politicamente afastado do grande centro.

Exemplos dessas questões estão presentes em fontes histórico-literárias como a da dissertação sobre a história militar do Brasil, escrita pelo Padre Inácio Barbosa Machado, para satisfazer às exigências de acadêmico mestre da Academia dos Esquecidos, “filial” americana da Academia Real da História Portuguesa:

Se estivera na Europa ajudara o meu trabalho dos preciosos socorros de tantas Bibliotecas ilustres, mas como escrevi no Brasil contentei-me com o pouco que tinha estudado. Assim desculpe Vossa Excelência os infalíveis defeitos destas instantâneas lucubrações, que só poderão ser estimadas na América, e admitidas na Europa, e ainda mais na Corte de Portugal se Vossa Excelência as receber debaixo de sua proteção excelsa (MACHADO, 1724, fl. 3; grifos nossos).¹

É um caso que trata de uma versão mais cômoda (mas não resolvida) do que seria representar Portugal na América, expressa pela tópica da falsa modéstia, manifestada pelo irmão do bibliógrafo Diogo Barbosa Machado no introito de sua dissertação sobre a história militar no Brasil, que deveria ter sido apresentada em uma das primeiras conferências da Academia dos Esquecidos. Misto de murmuração, falsa modéstia e pedantismo (porque a fonte revela que a dissertação foi escrita em Lisboa, quatorze meses depois da data indicada), o texto de Inácio Barbosa Machado excede na fidelidade às formas do discurso, mas ao longo de sua escrita perde-se na verbosidade, acabando por assemelhar-se a um fragmento, que o tornou a única dissertação não publicada (porque impublicável devido a sua forma?) n’*O movimento academicista no Brasil*, de José Aderaldo Castello, no início dos anos 1970.

A mesma tópica da distância do grande centro, portanto a mesma modéstia que se quer justificar pela falta de acesso às condições de desenvolvimento do exercício intelectual na metrópole se mostra em outro texto. A epístola dedicada ao Sr. José António Freire de Andrada, escrita pelo secretário da Academia dos

¹ MACHADO, Inácio Barbosa. *Exercícios de Marte. Nova Escola de Belona*. Guerra Brasília. Primeira Parte, Segunda, Terceira e Quarta. ou Dissertações Críticas Jurídico Históricas do Descobrimento, e origens dos Povos, e regiões desta América, povoações, e conquistas guerras, e vitórias com que a nação Portuguesa conseguiu o Domínio das quatorze capitanias que formam a Nova Lusitânia, ou Brasil. Biblioteca Nacional de Portugal, Códices Alcobacenses, Códice 367.

Seletos, Manoel Tavares de Siqueira e Sá, retoma a mesma tópica, demonstrando de forma aguda a existência do problema:

E vindo eu que, sendo passados quase dous lustros, que deixei aquella Provincia, ainda em tanta distancia, e em hum Mundo Novo, onde parece que as agoas do oceano costumaõ causar os mesmos efeitos que as do Lethes, arrogando-se a mesma virtude, (melhor dissera vicio) tenho a fortuna de experimentar em V. S. o mesmo agrado, e benevolência; não devo, nem posso deixar de reconhecer, e corresponder, pelo modo possível tanta honraria: precisando-me tambem a este acto de reconhecimento, hũa especie de restituição, ou descargo (permita-se-me dizê-lo assim) de consciencia, que com tantos favores sinto assaz gravada; cujo allivio, em parte, solicito com o prezente obsequio, que a V.S. por muitos títulos he devido: (Sá, 1754, in Prólogo; grifos nossos).²

Acrescente-se ao texto de Sá o fato de que a América – o Novo Mundo – está banhada em seu distanciamento da metrópole pelo “Lethes”, o rio do esquecimento do mundo dos mortos, exaustivamente repetido no repertório poético da antiguidade greco-romana, tanto pelos vates como pelos poetas.

Observa-se que, se se aspirava uma autonomia, tanto na iniciativa dos “Esquecidos” como na dos “Selectos”, de escrever da América, sobre a América, existia, como contraponto, a dificuldade que se mantinha desde o século do “achamento do Brasil” (segundo a expressão lusitana), que consistia na falta de livros, bibliotecas e conseqüentemente uma atenção a esta formação baseada nos estudos clássicos, como referências que permitissem uma escrita mais amparada pelas regras vigentes nas instituições letradas da metrópole, fazendo-se, assim, um trabalho de imitação dentro das possibilidades que o espaço oferecia. Nesse sentido, veremos logo a seguir que a América careceu de material bibliográfico acerca dessas referências aos estudos clássicos e as buscou em Portugal, para, minimamente, dialogar com as normas metropolitanas e poder ser aceita e inscrita no meio que permitisse a difusão dos produtos letrados locais.

Os clássicos em paratextos de publicações luso americanas

Passemos, pois, a buscar a maneira usual que se encontra na referência aos estudos clássicos, utilizando o apoio dessas referências pré-texto de caráter coletivo. O mecanismo de uso, transmissão, tratamento, crítica e reconhecimento dos escritos submetidos a estas práticas é reconhecível por três possíveis caminhos: o do reconhecimento da capacidade de domínio das convenções pelo letrado, o da referência direta às normas e o da crítica que se faz aos conteúdos propriamente ditos.

A atuação dos letrados, nesse sentido, era fundamental para que houvesse parâmetros de comunicabilidade pela escrita, que se fundamentavam nas regras de correção gramatical, de adequação na escolha da língua, da tipologia textual, das fórmulas de produção dos documentos e, em última análise, das escolhas adequadas e/ou decorosas para a expressão poética. Essas regras, podemos encontrá-las implícitas em prosa ou em verso em documentação corrente da administração, assim como naqueles escritos que se tornaram exemplos

² Epístola dedicada ao mecenas Senhor José António Freire de Andrada. In: SÁ, Manoel Tavares de Siqueira e. *Jubilos da América na gloriosa exaltação, e promoção do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Gomes Freire de Andrada*. Lisboa: Officina do D^{or}. Manoel Alvares Sollano, 1754.

considerados literatura quinhentista, seiscentista ou setecentista. Seleccionamos abaixo alguns excertos que nos permitem comentá-las a partir da sua identificação e posterior reconhecimento da adequação à circunstância em que se registram.

Começemos pela relação entre o Padre José de Anchieta e o cânone literário.

Pelo fato de o homenageado Padre José de Anchieta ser de um dos mais antigos na cronologia das belas letras no Brasil, referimo-lo em primeiro lugar nesta coletânea de exemplos. O saudoso Prof. Sebastião Tavares de Pinho reeditou o evento no ano de 1998, comemorando os 450 anos da chegada de Anchieta a Coimbra. Nesta homenagem prestada, a Professora Maria Aparecida Ribeiro, na "Introdução" da obra *Orfeu Brasileiro* (ALMEIDA, [1998](1736), VII-XVII), explicita o ritual da presença greco-romana naquele "ato acadêmico":

Entre os meios pedagógicos recomendados por Santo Inácio para os membros de sua Ordem e para os alunos externos, estava a emulação – a *honestae aemulatio*, como a chamava a *Ratio Studiorum* e que estava presente em todos os exercícios escolares, a ponto de a aula se dividir em dois partidos ou campos. A vitória de um grupo ou de outro era coroada por um prêmio ou qualquer sinal de triunfo. Nas sessões literárias, os alunos iam dando conta dos seus progressos e, periodicamente, os estudantes de Retórica convidavam os de Humanidades para um certame. (...) Reunindo os Irmãos estudantes do Recolhimento e alunos de Humanidades do colégio da Bahia, o Padre Francisco de Almeida uniu o espírito do torneio cultivado nas Academias e celebrou o Venerável Padre José de Anchieta. Num verdadeiro espetáculo de pirotecnia Barroca (...) compuseram epigramas, poemas *per eco*, odes e um idílio acróstico demonstrando conhecimentos adquiridos nas aulas de leitura e na leitura de autores clássicos como Ovídio, Virgílio, Cícero, Horácio, Pausânias, tudo, no entanto, do melhor espírito cristão resultando num imensa alegoria "a lo divino" (RIBEIRO, in: ALMEIDA, [1998] (1736), VIII, XI).

Trata-se, explicitamente, do registro que o pré-texto (ainda que a edição seja do século XX) faz à referência direta à norma, fundamentada nos estudos clássicos. Este ato acadêmico se organizou como "lição de classe" e findou por ser impresso pelo Prof. Pinho como um exemplo de prática letrada luso-americana, repetida à exaustão em outras fontes. Pode-se mencionar aqui todo os volumes 2 e 3 do Movimento Academicista no Brasil (CASTELLO, 1969-1971).

Outro tipo comum de identificação de parâmetros clássicos nas fontes luso-americanas trata das emendas ou censuras, feitas em manuscritos e impressos, registradas pelos editores, bibliófilos, secretários, etc. É prática corrente que consiste na alteração que este terceiro faz no texto de outrem:

Êsta he a forma que deu ao mencionado livro o Curiozo de quem ele foy; que sendo sim todo de hum bom caracter de Letra, me parece certamente ser de pulso *muito* mais inferior do que o do *dito* Morganti, e péssa que ele adquirio de outrem, é que conserva erros na sua escrita, que foram porem fáceis de emendar nesta copia *aque*m tem algum *ûzo* da *Arte* (VIANNA, 1783, in Advertência; grifo nosso).³

Em *Arte*, leia-se "arte poética". A referência ao domínio dela diz respeito tanto à capacidade de versejar quanto à capacidade de escrever segundo as normas (no caso, uma escrita que alguns linguistas denominaram de uma fase pseudo-etimológica), evitando marcas de uma escrita fonética.

³ Vianna, Antônio Correia. *Obras poéticas de Antonio da Fonseca Soares chamado depois na Relligiaõ Fr. Antonio das Chagas*. 8º. Tomo, (Manuscrito 49 III 81). Lisboa: Biblioteca da Ajuda, 1783.

A Academia dos Renascidos, de 1759, pode trazer exemplos deste vínculo entre seus escritos e a tradição greco-romana, por vários caminhos. Aqui, escolhemos um excerto da “Carta de Juramento” do poeta Cláudio Manuel da Costa e um excerto da “Advertência” do Frei de Santa Maria do Jaboaão.

O primeiro diz respeito ao compromisso com o conjunto de normas a serem respeitadas na produção escrita de um grupo ou de uma associação, no caso, uma academia histórico-literária, em que o trecho da carta revela estes preceitos, comparando-os àqueles consagrados pelos estudos clássicos:

Carta de Cláudio Manuel da Costa ao Secretário da Academia Brasília dos Renascidos

Senhor Sargento-Mór António Gomes Ferrão Castello Branco (...)

Com esta presunção asseguro a Vossa Mercê de que a dilação que ocorrer não só na presente como em outra qualquer conjectura se não deverá tanto atribuir ao meu descuido quanto a ordinária contingência dos sucessos. *Recebo os estatutos e o catálogo da minha muito prezada Academia e tudo quanto em uma e outra disposição advirto é um autêntico testemunho da prudente circunspecção do meu egrégio Director, eu tive a honra de admirar na Universidade os incomparáveis créditos que este Senhor adquiria com os seus grandes estudos; e agora acabo de conhecer que ele dirigiu as ciências ao seu verdadeiro fim, que é a utilidade pública.*

Feliz a América, se como se há de imortalizar nela a memória deste ilustre Mecenas, se perpetuasse também nessa cidade a sua assistência pessoal!

Nada teríamos que invejar, nem aos Pórticos d’Athenas nem ao Templos do Egipto.

Em observância do Preceito, todo aprovo, tudo admiro e respeito tudo.

Pede mais alta e prudente averiguação o que se use recomenda sobre a divisão da História e suas dificuldades, a tudo responderei segundo a averiguação que fizer e de algumas lembranças ou documentos que nestas Minas se guardarem, fazer comunicar a Vossa Mercê as cópias ou os originais na forma da sua recomendação. (...)

Toda ocasião que Vossa Mercê tiver de honrar-me no seu serviço será para mim estimada e eu teria a honra de me confessar que sou de Vossa Mercê muito afectuoso sócio.

Vila Rica, 3 de novembro de 1759.

Cláudio Manuel da Costa

(LAMEGO, 1929, p. 98-100; grifos nossos).⁴

O domínio das convenções é o passaporte do acesso de para Cláudio Manuel da Costa para a ABR. Além do letrado ter exercido a função de Secretário de Estado das Minas Gerais, trata-se do único poeta que figurou entre os 120 integrantes daquela “academia histórico-literária”.

Já o Frei Santa Maria de Jaboaão, em determinado ponto de sua “Advertência”, revela a sua estratégia de escrita baseada na organização do discurso do gênero demonstrativo, copiado e emulado desde Aristóteles:

E se reparares ainda, que em uns fui mais extenso, em outros mui diminuto, e em alguns um pouco jucundo, segui nisto uma parte mui especial da Retórica, que é fazer a orações, ou panegíricos conforme aos lugares e Auditórios; porque é mui diferente pregar a Gente comum e rude ou a um concurso autorizado, e sábio; pregar em festas notáveis e expectação nas praças, ou pregar pelos Arrabaldes e Aldeias. Nestes se deve pregar pouco que não enfastie e mais jucundo e ineligível conforme a capacidade do Povo, e naquele mais sério, alto e dilatado (Jaboaão, 1759, ms.; grifos nossos).⁵

⁴ Lamego, Alberto. *Academia Brasília dos Renascidos*. Rio de Janeiro: D’Art Gaudio, 1929.

⁵ Apud Lima (op. cit., p. 224-230).

Com ele, defende sua adesão aos preceitos da retórica, particularmente à adequação, necessária à compreensão e ao agrado do público. Esse registro é um misto de adesão às práticas dos discursos segundo os gêneros judiciário, epidítico ou deliberativo e, ao mesmo tempo, dos conceitos de adequação (ou decoro) presentes nas reflexões das epístolas do poeta Horácio.

Pensando um pouco nas coletâneas, a *Fénix Renascida*, obra da qual constam os brasileiros D. Francisco de Mello e o Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, indica as “boas qualidades dos poemas a partir de parâmetros clássicos”, como se pode observar a seguir:

NESTE terceiro Tomo, que he outro voo da Fenix Renascida, continua a fazer publicas ao Mundo as obras dos grandes, e discretos Engenhos Portuguezes (...), atado rigorosamente ás escrupulosas leys da Poetica. (...) Poderá apontar vários exemplos para satisfazer ao Leitor, porém bastará por todos dizer, que a *Fabula de Polifemo* que damos neste Tomo com o nome do Celebre Jacinto Freire de Andrade (de quem he sem controversia) a vimos já em hum manuscrito com o nome não menos celebre Antonio Barbosa Bacellar, o que sem duvida foy erro (...) (SYLVA, 1946, vol. III *Aos Leitores*; grifos nossos).

Embora a publicação seja portuguesa, a *Fénix* possui configuração corrente à época, tal e qual os *Júbilos da América* e o *Florilégio da Poesia brasileira*. Nesse sentido, incluímos este exemplo, também para comprovar a dependência da América ao seu determinante “Portuguesa”. Características semelhantes encontramos, portanto, nos paratextos dos *Júbilos da América*, particularmente na advertência de Manoel Tavares de Siqueira e Sá dirigida aos leitores:

Corroborou este officioso Sujeito a sua instancia com a grande authority do M.R. Padre Mestre Francisco de Faria, da Esclarecida Companhia de JESUS, eleito Prezidente do Acto, persuadindo-me, era igualmente empenhado em que eu acceitasse; o que o mesmo Padre Mestre logo me confirmou por escrito, e depois de palavra na primeira conferencia respectiva, que tivemos, dissolvendo, ex tempore, todas as duvidas, que se me offerenciaõ, com sofismas, a que eu não soube responder, senão dando as mãos, ainda que muito bem conhecia que o eraõ todos os argumentos, que em meu abono formava; reconhecendo finalmente, que a obediencia he o melhor sacrificio. *Considera agora, prudente Leitor, como poderia eu resistir, e defender-me de hum Padre Mestre, cujo Magisterior temem, e respeitaõ os Platoens, os Aristoteles, os gassendos, os Descartes, e todos os mais Coripheus das Eschólas, e Systemas, Antigos, e Modernos?* (SÁ, 1754, [s.p.]; grifos nossos).⁶

Quando se analisam fontes, manuscritas ou impressas, acerca da escrita na América Portuguesa, não é difícil perceber uma convenção que norteia a redação desses documentos, aqui explicitada pela apresentação do método de escrita. Ainda que sejam estranhas as fórmulas de redação para os nossos dias, não é estranha a forte interferência que tanto a retórica quanto a poética antigas exercem sobre os modelos de escrita.

⁶ Sá, Manoel Tavares de Sequeira e. *Jubilos da America na gloriosa exaltação, e promoção do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Gomes Freire de Andrada*. Lisboa: Manoel Alvares Sollano, 1754; Silva, Mathias Pereira da. *A Fénix Renascida*. 5 vol. Lisboa: Herdeiros de Pedroso Galram, 1746.
CASTELLO, José Aderaldo. *Movimento academicista no Brasil 1640-1820/22*. São Paulo: Secretaria de Estado de Esportes, Cultura e Turismo, 1969-1971. 5 vol. 8 tomos.
VARHAGEN, G. A. *Florilégio da poesia brasileira* ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as lettras no Brazil. Tomos I, II, III. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1946.

Retomando um exemplo a não ser seguido em outras partes, as “Dissertações” de Inácio Barbosa Machado revelam muito explicitamente a convenção o método de composição, respeitando a estrutura dos discursos bem ao modelo aristotélico e referindo esta adesão no corpo do texto. No texto de Inácio Barbosa Machado, as regras de divisão e apresentação do método refletem elementos convencionais importantes para os nossos argumentos:

E por este motivo, olhando, que nesta Dissertação fala diante de tal Príncipe, e na presença de tantos Sábios, que a repito com São Paulo: *estimo me beatum*. (...) Não espero, contudo, tantos elogios, como se ouviram em Jerusalém, porque não os mereço, mas alento-me, que digam os Acadêmicos fiz evidente no modo possível a verdade que propus; *o que será com tanta modesta, que discorra como discípulo consultando, e não como argüente, só persuadindo*; (...) *Esta necessidade de responder aos seus argumentos e conjecturas, e de arrumar os fundamentos, com que defende a opinião de todos os Escritores de Portugal, e dos Estrangeiros, que nas suas Histórias, ou Geografias trataram deste faustíssimo descobrimento; causará alguma difusão no discurso contra o que desejo, e costuma: (...)* (MACHADO, 1725, ms. fls. 39-39v.; grifos nossos).

O próprio Barbosa Machado estabelece a divisão do seu texto em dois pontos importantes: “Estado da questão” e “Argumentação”, segundo o modelo aristotélico que classifica os gêneros do discurso, neste exemplo, o gênero demonstrativo, mesclado ao deliberativo.

1º *Estado da questão ao tempo, que se agitou a controvérsia*. Mais pacífico era o Domínio, que as Letras gozavam no que pertencia ao Brasil, do que o Domínio das armas, que por casos da fortuna, e discórdia dos Príncipes não duraram com tanta felicidade as armas o insultavam, ou pelos naturais do País, ou pelo orgulho dos Franceses, e astúcia dos Holandeses; (...) § 2º *Em que preambularmente se mostra, que sempre os Sábios tiveram controvérsias especialmente no conhecimento dos dias dos Sucessos, e como nesta discórdia se deve achar a verdade para segurança da História* (MACHADO, 1725, ms. fls. 38-40v; grifos nossos).

Ainda que tenhamos comentado atrás os problemas causados pelo mau uso da retórica pelo nosso autor, nestes pontos as suas proposições são muito bem aplicadas. O problema fundamental de suas dissertações foi a falta de desenvolvimento e de conclusão, em total desacordo com um início tão bem elaborado...

Já entre os Seletos, a explicitação das regras vem expressa na hierarquização dos temas em relação aos clássicos, segundo o distanciamento temporal e de importância dos assuntos:

LEIS, QUE SE DEVEM OBSERVAR NAS POESIAS

Na língua Latina se discorrerão os assuntos, em epigramas, ou Hexâmetros.

Na Portuguesa, ou Espanhola, em Sonetos, Oitavas, e Romances Hendecassílabos.

Roga-se muito aos Senhores Acadêmicos, que se afastem o menos, que puderem, dos assuntos propostos; pois neles têm amplo, e fértil campo, por onde espaçar-se, escolhendo, e colhendo as flores, que mais lhes agradarem, para a composição do seu favor. [S.I.A] (CASTELLO, 1969-1971, v. 2, t. 1, p. 79; grifos nossos).⁷

⁷ CASTELLO, José Aderaldo. *Movimento academicista no Brasil 1640-1820/22*. São Paulo: Secretaria de Estado de Esportes, Cultura e Turismo, 1969-1971. 5 vol. 8 tomos.

Por fim, transitando por alguns exemplos da presença dos estudos clássicos sobre textos das belas letras luso-americanas, comentamos a ocorrência dos mesmos parâmetros de alusão e respeito aos modelos da antiguidade greco-romana registrados no *Florilégio da Poesia Brasileira*, de Francisco Adolfo Varnhagen:

Desde logo conhecemos o pêso da responsabilidade que sôbre nós recaía, constituindo-nos juiz para a escolha; mas cobríamos fôrças ao considerarmos a vantagem que sempre resultará da empreza, e ao adoptarmos uma regra para preferir estas áquellas poesias, que nos alivia de grande parte de tal responsabilidade. Como o entusiasmo que temos pela America, onde vimos a luz, e a fé no desenvolvimento futuro de sua poesia, era um dos nossos estimulos, julgámos dever dar sempre preferencia a esta ou áquella composição mais limada, porém semi-grega, outra embora mais tosca, mas brasileira, ao menos no assumpto. Esta decisão nos facilitou a empreza, e cremos que esta collecção adquirirá com isso mais interêsse para o leitor europeu, ao passo que deve lisonjear o americano, vendo que vai já para dois séculos havia no Brazil quem julgava que se podia fazer poesia sem ser só com coisas de Grecia ou Roma (VARNHAGEN, 1946; grifos nossos).⁸

Com essas observações, constata-se ser já a orientação oitocentista de viés mais local, preferindo o nascimento ao domínio da matéria tratada e ao vínculo com o modelo clássico. Todavia, o fato de se referir tal escolha é revelador, pois deixa clara a existência – se não de um modelo, ao menos de uma prática que vigorou nos anos anteriores.

Em suma...

Ao observarmos os textos preparatórios, preambulares ou de aprovação que abrem e regem as publicações quinhentistas, seiscentistas e setecentistas, portanto, constatamos que todos esses escritos, sejam eles breves ou longos (os prólogos, advertências, cartas, prefácios, etc.), fazem de alguma forma menção à relação com os estudos clássicos. A partir dessas referências, passamos, em nosso projeto, a ler esta relação como uma possível regra de escrita.

Da mesma maneira como é possível analisar conteúdos de textos literários e, a partir das análises, seja qual o método escolhido, encontrarmos marcas do classicismo greco-romano, os projetos que temos desenvolvido, apesar do viés filológico e editorial, nos permitem detectar esta prática das referências aos estudos clássicos também nos pré-textos, que abrem ou comentam as publicações da época. Um projeto de publicação que estivesse prestes a ser submetido às avaliações das instituições censórias para a impressão, ou mesmo uma obra já impressa, segundo as regras de avaliação vigentes entre os séculos XVI e XVIII, revelam via de regra esta presença em suas colocações preambulares. Por outro lado, o processo de avaliação exercido pelos organismos censórios revela a aceitação do vínculo com aquela cultura e, por conseguinte, parâmetros de diálogo com ela.

Vemos, por exemplo, que nas academias histórico-literárias os elementos recorrentes são o elogio por intermédio da comparação entre as grandes obras do

⁸ VARNHAGEN, G. A. *Florilégio da poesia brasileira* ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brazil. Tomos I, II, III. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1946.

pensamento erigidas na antiguidade, que deram lastro e assunto para serem repetidas, comparadas ou mesmo emuladas à época dos primeiros escritos da Luso-América, enquanto as publicações de caráter compilatório levavam em consideração parâmetros semelhantes para a composição do corpo de autores seletos a participar da empresa. Os *curricula* dos letrados tinham em conta a capacidade de manifestação escrita por intermédio desses modelos clássicos, assim como o meio censório arrogava para si a postura de tomada de decisão sobre os aspectos qualitativos das obras, que deveriam passar, invariavelmente, pelo conhecimento desses clássicos e pelo domínio das adaptações que esse domínio exigia para a escrita contemporânea.

As adaptações ou atualizações vinham na forma de escolhas vocabulares, decorosas segundo as circunstâncias de execução dos discursos: as formas em prosa ou poéticas eram utilizadas igualmente pensadas para os graus de formalidade; a opção pelo escrito em língua latina, em língua portuguesa ou outra vernácula revelava parâmetros de aproximação / distanciamento do assunto e, em última análise, a recorrente referência aos exemplos retirados dos estudos clássicos, os quais poderiam ou não ser seguidos, figuravam nos discursos de aconselhamento (portanto, aqueles rigorosamente lidos como do gênero do discurso deliberativo), ou nos discursos de elogio (aqueles lidos na chave do gênero epidítico) e até os de avaliação ou julgamento de determinadas ações (obviamente ligados ao gênero judicial).

Os escritos em verso, por fim, imitavam modelos de ensino, que acabavam por trazer para o debate os modelos da poesia didática. Já outras, que buscavam seguir as regras de estruturação que respeitassem os modelos épicos. Outras, por fim, que resgatavam uma temática da poesia lírica antiga. Toda essa vinculação faz revelar como essas presenças eram avaliadas. Assim, a um tempo os letrados trocavam entre si as mais variadas formas de exercício da erudição, da agudeza e da discricção, qualidades às quais referimos na abertura deste texto.

Nosso método de exposição da questão, dada a limitação desta publicação, focou o debate a partir das expectativas e das avaliações constantes dos pré-textos de publicações dos letrados no universo das belas letras, por se tratarem de interferências nas publicações, de origem reconhecida pelos editores da obra. Esses pré-textos, assim, revelaram o olhar de um terceiro sobre o trabalho publicado, funcionando como parâmetro de convencionalidade mediadora da produção escrita.

Outra informação importante sobre o desenvolvimento desta pesquisa referiu-se à escolha das associações e a produção de obras coletivas, considerando que em ambos os casos a avaliação dos critérios resultou de regras e convenções previamente estabelecidas e que, no universo letrado da Luso-América essas produções demonstravam uma disputa entre os letrados cujas obras foram autoavaliadas e avaliadas como passíveis de publicação segundo algumas convenções dentre as quais ressaltamos o conhecimento e domínio dos estudos clássicos.

Agradecimentos

À FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo financiamento para aquisição do material sobre o projeto de edição da obra de

António da Fonseca Soares, compilada em manuscritos por António Correia Viana entre 1777 e 1783 (Proc. 2016/17138-3).

À Comissão Organizadora do I CICLA, pelo espaço oferecido para diálogo interunidades da UNESP nos Estudos Clássicos.

MORAES, C. E. M. de. Greco-Roman references applied in the manuscript and printed tradition between the 16th and 17th century in Brazil. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 14, n. 1, p. 70-81, 2022.

Referências

ALMEIDA, Padre Francisco de. *Orfeu Brasílico ou exímio harmosta do mundo elemental o venerável Padre José de Anchieta*. Ed. de Sebastião Tavares de Pinho. Introd. de Maria Aparecida Ribeiro. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1998.

CASTELLO, José Aderaldo. *Movimento academicista no Brasil 1640-1820/22*. São Paulo: Secretaria de Estado de Esportes, Cultura e Turismo, 5 vol. 8 tomos. 1969-1971.

LAMEGO, Alberto. *Academia Brasílica dos Renascidos*. Rio de Janeiro: D'Art Gaudio, 1929.

MACHADO, Inácio Barbosa. *Dissertações da história militar do Brasil*. Ms. 326 Códices Alcobacenses. Biblioteca Nacional de Portugal.

SÁ, Manoel Tavares de Sequeira e. *Jubilos da America na gloriosa exaltação, e promoção do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Gomes Freire de Andrada*. Lisboa: Manoel Alvares Sollano, 1754.

SILVA, Mathias Pereira da. *A Fénix Renascida*. 5 vol. Lisboa: Herdeiros de Pedroso Galram, 1746.

SOUZA, Laura de Melo e. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, v.1, 1997.

VARHAGEN, G. A. *Florilégio da poesia brasileira* ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ENSAIO HISTÓRICO SOBRE AS LETTRAS NO BRAZIL. Tomos I, II, III. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1946.

VIANNA, António Correia. *Obras poéticas de Antonio da Fonseca Soares chamado depois na Relligião Fr. Antonio das Chagas*. Lisboa: Biblioteca da Ajuda, Manuscrito 49 III 81., Tomo 8, 1783.